

**LUCAS FELIPE RODRIGUES RAMOS
DANIELLE PATRICIO DA SILVA**

OHMÃE! – RELATOS (SOBRE)VIVÊNCIA DE MÃES SOLO

**Viçosa – MG
Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFV
2021**

**LUCAS FELIPE RODRIGUES RAMOS
DANIELLE PATRICIO DA SILVA**

OHMÃE! – RELATOS (SOBRE)VIVÊNCIA DE MÃES SOLO

Memorial apresentado ao Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa como parte das exigências para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social.

Orientadora: Profa. Dra. Kátia de Lourdes Fraga

**Viçosa – MG
Curso de Comunicação Social – Jornalismo UFV
2021**



Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Comunicação Social
Curso de Comunicação Social – Jornalismo

Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “OHMÃE! – Relatos Sobre Vivência de mães solo”, de autoria dos estudantes Lucas Felipe Rodrigues Ramos e Danielle Patricio da Silva, aprovado pela banca examinadora constituída pelos seguintes:

Profa. Dra. Kátia de Lourdes Fraga – Orientadora
Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFV

M. Sc. Eugene Oliveira Francklin

M. Sc. Isac Oliveira Godinho

Viçosa, 14 de maio de 2021.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. REFERENCIAL TEÓRICO	3
3. METODOLOGIA.....	6
4. ANÁLISES E REFLEXÕES	10
4.1 Representação da Maternidade	10
4.2 Desafios de uma maternidade solo	12
4.3 Contrastes de um período pandêmico	14
5. CONCLUSÃO.....	16
REFERÊNCIAS.....	18

OHMÃE! – RELATOS (SOBRE)VIVÊNCIA DE MÃES SOLO

RESUMO

O papel social da mulher tem sido definido, há séculos, apenas como figura presente no meio doméstico, restringindo-a aos cuidados com a casa, filhos, marido e comunidade. Este Trabalho de Conclusão de Curso visa desmistificar a relação do "ser mãe" com o estado civil e ecoar a vivência de 5 mulheres, mães, residentes em Viçosa-MG e Juiz de Fora-MG, que se tornaram mães solo a partir do momento em que decidiram ou foram impostas a ser as únicas protagonistas da criação e sustento de seus filhos. Como resultado, produziu-se a revista "OHMÃE! Relatos SobreVivência", contendo narrativas de vida com as histórias e dificuldades vividas desde o momento em que souberam da gravidez até a criação das crianças. Os discursos das mães solo são bastantes semelhantes, haja vista que a sociedade ainda vive às sombras dos dispositivos do patriarcado. Mesmo com pouca escolaridade e baixa remuneração no mercado de trabalho, essas mães solo enfrentaram e venceram as ocorrências da vida, pelos seus filhos.

Palavras-chave: mulher; maternidade; mãe solo; sobrecarga feminina; narrativa de vida.

ABSTRACT

The social role of women has been defined, for centuries, only as a figure present in the domestic environment, restricting her to care for the home, children, husband and community. This Term Paper aims to demystify the relationship between "being a mother" and marital status and echo the experience of 5 women, mothers, living in Viçosa-MG and Juiz de Fora-MG, who became solo mothers from the moment in which they decided or were imposed to be the only protagonists of the creation and support of children. As a result, the magazine "OHMÃE! Relatos SobreVivência" was produced, containing life narratives with the stories and difficulties experienced from the moment they knew from pregnancy to child rearing. The speeches of solo mothers are quite similar, given that society still lives in the shadows of patriarchy devices. Even with little education and low pay in the labor market, these solo mothers faced and won the occurrences of life, by your children.

Keywords: woman; maternity; solo mother; female overload; life narrative.

INTRODUÇÃO

Como requisito para conclusão do curso de Comunicação Social, ênfase em Jornalismo, neste memorial analisaremos relatos de mães que criaram os filhos sem o auxílio de outrem e que são provedoras do sustento próprio e dos filhos. Além deste, produzimos uma revista com as narrativas das mães e suas histórias.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)¹ aponta, em pesquisa mais recente de 2010, que de 49,9 milhões de famílias, 18,6 milhões são providas por mulheres e 8 milhões delas sem cônjuge e com filhos. A projeção do Instituto é que esse número tenha passado de 11,6 milhões em 2015. Ainda de acordo com o censo, das 3,8 milhões de mulheres brasileiras entre 18 a 24 anos que abandonaram precocemente os estudos, 1,3 milhões eram brancas e 2,5 milhões pretas ou pardas.

As pesquisadoras Ana Lúcia Barreto da Fonseca e Neuraci Gonçalves de Araújo (2004) indicam que a maternidade pode culminar na falta de expectativas em relação ao estudo e ao trabalho, distanciando as mulheres de um investimento efetivo na escolarização, mas não se aplica somente ao fato de ter filhos. Em alguns casos, o próprio meio sociofamiliar em que a mulher vive a obriga, por questões patriarcais, a casar e dar herdeiros ao cônjuge, fazendo com que ela contingencie e cronifique as dificuldades dos indivíduos das camadas populares, mantendo e reproduzindo a exclusão social.

Nesse modelo familiar monoparental feminino, delineado por escolha, viuvez ou abandono do cônjuge, as estatísticas do censo mostram que há um número maior de mães pretas ou pardas, 4,2 milhões, em relação às famílias chefiadas por mães brancas, 3,7 milhões. Isso indica não só uma disparidade social-econômica, mas, também, uma taxa maior de ausência de outrem auxiliando na renda da casa. Das 4,2 milhões de mães pretas ou pardas, 3,32 milhões recebem de 1 até 2 salários-mínimos, enquanto apenas 879 mil recebem mais de 2 salários. Já sobre mães brancas, o censo não disponibiliza informações. Os dados de mulheres mães chefes da família por cor, escolaridade e/ou provento não são o foco do trabalho,

¹ Dados extraídos do banco de dados do IBGE. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/index.html?loc=0&cat=&tema=NaN>. Na plataforma, selecionar a temática: "FAMÍLIA". Acesso em: 18 abr. 2021.

mas evidenciam as dificuldades vividas durante a gestação e maternidade, trazendo uma análise mais profunda e evidenciando a necessidade de estudos específicos.

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) visa analisar as vivências e sobrevivências de mães que criaram os filhos sem o auxílio de outrem, se tornando mãe solo, conforme explicado mais adiante. A escolha pelo tema se deu pela vivência do modelo familiar da autora desta pesquisa, como filha de uma mãe solo, e pelo acompanhamento das situações pelo autor durante a realização de trabalhos voluntários e convivência com a autora. Objetiva-se ecoar e dar visibilidade às mulheres que, desde os primórdios, têm suas atuações e posições na comunidade reduzidas ou menosprezadas. A figura do homem heteronormativo, machista estrutural e patriarcal por história, detém o título de único chefe e provedor da casa e dos seus filhos, criando um estereótipo de que a mulher é dependente financeira, conjugal e fraternamente.

Inicialmente, o projeto seria realizado em formato videodocumentário, por meio de gravações em áudio e vídeo da entrevista com as mães solo e suas vivências. Entretanto, uma nova mutação do vírus Coronavírus (SARS-CoV-2) acometeu o mundo em dezembro de 2019, dando início a uma quarentena rígida em todos os países, para evitar a proliferação e contaminação em massa da COVID-19, doença transmitida via gotículas de saliva, suor, espirro, tosse, catarro, toques, objetos ou superfícies contaminadas². A doença já possui vacina e, a passos lentos, toda a população está recebendo as doses do imunizante. Diante da alta taxa de transmissão, mortes e variantes do vírus, a Universidade Federal de Viçosa, por meio do Ato nº 17/2020/CEPE, de 14 de março de 2020³, suspendeu, por tempo indeterminado, as atividades acadêmicas em todos os âmbitos dos três *campi* da instituição.

Em decorrência da impossibilidade de manter atividades presenciais no contexto pandêmico, criou-se alternativas virtuais para o ensino remoto. A Resolução nº 16/2020/CEPE, de 15 de dezembro de 2020⁴, autorizou o fornecimento de disciplinas de graduação por meio de tecnologias digitais da

² Informações extraídas do *site* do Ministério da Saúde. Disponível em:

<https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>. Acesso em: 18 abr. 2021.

³ Informação extraída do site da Diretoria de Comunicação Institucional da UFV. Disponível em:

<https://www2.dti.ufv.br/noticias/files/anexos/1584444317.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2021.

⁴ Informação extraída do site da Secretaria de Órgãos Colegiados da UFV. Disponível em:

<http://www.soc.ufv.br/wp-content/uploads/Resolu%C3%A7%C3%A3o-16-2020-Cepe-PER-2-Revisada-Pollyanna.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2021.

informação e comunicação. Com isso, seguindo recomendações da Organização Mundial de Saúde (OMS) e do Departamento de Comunicação Social (DCM), optamos por assegurar a integridade física das entrevistadas e entrevistadores e modificar o formato do projeto, que antes seria videodocumentário, para revista e fazer os acompanhamentos virtuais, por escrito ou ligações via internet, mas permanecendo com o intuito inicial.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

No Período Colonial, a vida das mulheres era direcionada aos cuidados da casa, da alimentação dos trabalhadores, dos filhos e das vestimentas da família, além das atividades da igreja. Foram educadas a servir, enquanto o homem deveria exercer o papel de provedor da família (SILVA; CASSIANO; CORDEIRO, 2019, p. 2). Apenas no final do século XX que a participação feminina iniciou em determinadas áreas e com poucas mulheres, já que, nessa época, colégios destinados à educação feminina eram particulares e somente famílias das classes mais altas tinham poder aquisitivo para educar as filhas. A pesquisadora Patrícia Fasolo Romani aponta que:

A identidade feminina é construída a partir de um modelo cultural de gênero, onde os aspectos biológicos imperam; o sexo e seus respectivos atributos físicos direcionam a educação e seus ditames. Por nascer dotada de um aparato para gerar bebês, a mulher desde a infância é condicionada a desejar ser mãe, e esse desejo passa por uma união heterossexual. Não é à toa que as meninas são vestidas pelas mães com roupas cor-de-rosa e ganham bonecas para brincarem; nesses simples gestos já estão embutidas expectativas, um futuro idealizado. Atualmente vemos também alguns exageros tais como unhas pintadas, batom e sombra em meninas desde a pré-escola. As mensagens que estão contidas nessas práticas educativas vão desde o incentivo pela valorização estética, o crescimento emocional forçado, a realização do narcisismo materno, até a normatividade heterossexual e seus estereótipos. (ROMANI, 2015, p. 111).

O Brasil é marcado, historicamente, por estruturas patriarcais, responsáveis por situar o lugar de pertencimento da mulher, como quando as famílias arranjavam o casamento das filhas, ainda muito novas, no intuito de garantir alianças financeiras, sem se importar com os laços afetivos. Tratava-se de negócios para manter a intangibilidade da linhagem (CARVALHO; OLIVEIRA, 2017, p. 48-49).

Essa relação entre feminino e reprodução apresenta-se de maneiras distintas, como afirma a psicóloga Isabela Lemos Arteiro:

Às mulheres nobres foi dada a incumbência de reproduzir a classe dos nobres, o que significava ter um número específico de herdeiros. Quando o quantitativo de filhos desejados era atingido, a abstinência sexual tornava-se o método contraceptivo mais seguro na ausência de outro. (ARTEIRO, 2017, p. 50).

Isso fazia com que a mulher ficasse por conta da casa e dos filhos como um trabalho ininterrupto, como se o ato sexual fosse apenas para reprodução, enquanto, ao homem cabia relações sexuais fora do casamento para satisfação, com prostitutas ou empregadas (ARTEIRO, 2017, p. 50). Objetificando, assim, a figura feminina como servidora da casa e de herdeiros, impedindo-a de ter escolhas, preferências ou tempo para o desenvolvimento próprio.

A educação de meninas começa a tornar-se mais frequente quando:

A universidade lhe cede um lugar em suas salas de aula. Elas se tornam professoras, médicas, advogadas ou jornalistas. Reclamam seus direitos de cidadãs por inteiro, pretendem ganhar a vida fora do lar e já anunciam: 'para trabalho igual, salário igual'. A maioria dos homens reage com hostilidade ao movimento de emancipação das mulheres. (BADINTER, 1993, p.15).

O sistema social, familiar e comercial era liderado pela figura do homem cisgênero, marido, pai, heteronormativo, provedor da família, no qual fundamenta e exerce autoridade sobre todos os seus pertences, propriedades e familiares. Como apontam Suzana Cavenaghi e José Eustáquio Diniz Alves:

Nunca houve unanimidade na formação da família brasileira, mas, evidentemente, o grau de complexidade não poderia ser tão elevado no período em que a economia brasileira era simples e sustentada por uma estrutura agrária e rural. Assim, não é demais repetir a hipótese de que a diversificação e a pluralidade dos arranjos familiares avançam com o processo de modernização e uma estrutura produtiva mais intrincada. (CAVENAGHI; ALVES, 2018, p. 45).

Há várias pesquisas sobre o conceito de família e suas vertentes, porém, vem sendo reformulado, adaptado e repensado de acordo com as demandas da sociedade de cada época e não possui mais uma rigidez explicativa. Anteriormente, o conceito de família era concretizado e emoldurado apenas no invólucro de família nuclear, formada por homem cisgênero (pessoa nascida do gênero masculino que

se identifica como masculino) + mulher cisgênero (pessoa nascida do gênero feminino que se identifica como feminino) + filhos. As estruturas familiares estão em constante mudança,

[...] os papéis sociais contemporâneos passam por diferentes e profundas alterações em suas constituições, resultado das mudanças ideológicas, econômicas, políticas e sociais que interferem e influenciam significativamente a configuração dos modelos familiares, que antes era concebido idealmente pelo modelo burguês composto por pai, mãe e seus filhos e que nos dias atuais, cede espaço para forjar-se novos arranjos familiares. Em detrimento dessas mudanças, entrelaça-se a figura feminina, que passa a assumir novos status em sociedade, principalmente com relação à escolha da experiência materna, e que, portanto, sofrem fortes influências do momento histórico ao qual estão inseridas. (CARVALHO; OLIVEIRA, 2017, p. 47).

Os fatos históricos têm grande influência no aumento do número de famílias monoparentais femininas, segundo Álvares (2003), como o aumento da expectativa de vida da mulher, o que pode ocasionar viuvez; crescimento do número de divórcios e separações, que, muitas vezes, a guarda dos filhos ficam com a mãe; e mudança de valores em relação ao casamento e à sexualidade.

De acordo com o censo, número de famílias monoparentais femininas cisgênero é maior em relação às masculinas, pois,

Além de serem as únicas responsáveis pelos filhos e terem que conciliar esse papel, muitas vezes, com a carreira profissional, as mães solo enfrentam a crítica moral imposta de uma família ideal, que pressiona a mulher a seguir a tradição do casamento, impondo a necessidade de um homem para exercer a maternidade. Qualquer estrutura que saia desse padrão é considerada inadequada. (SILVA; CASSIANO; CORDEIRO, 2019, p. 2).

Neste trabalho, com base nos estudos de Adriana Wagner *et al.* (2011) adotaremos a concepção de família monoparental regida pela mulher mãe, cisgênero, chefe e provedora da família, sem a presença do cônjuge genitor dos seus filhos, denominando-a como “mãe solo”.

A variável consanguinidade, por exemplo, considerada historicamente como a principal e mais importante na definição da composição do grupo familiar, passa a dar lugar a outras, tais como o parentesco, a coabitação, a afinidade etc. Pode-se dizer que a composição do núcleo familiar, atualmente, alicerça sua definição além dos fatores biológicos e legais. Aspectos da subjetividade que integram os significados da convivência, por exemplo, têm tido um

peso explicativo importante na definição da configuração familiar. (WAGNER *et al.*, 2011).

Define-se, aqui, mãe solo como aquela mulher que passa pela maternidade e cria/criou os filhos sozinha, sendo a única encarregada pela criação e/ou sustento de uma criança, seja por decisão ou necessidade. Ela, chefe da família e provedora do sustento próprio e dos filhos, é a única responsável pelos dependentes e dispõe de autoridade dos pertences, propriedades e descendentes. O foco do trabalho são apenas as mulheres e sua representatividade como mãe solo, não correlacionando a maternidade ao estado civil, como esclarecem Silva, Cassiano e Cordeiro (2019):

Em referência ao termo mãe-solteira, historicamente utilizado para identificar as mulheres que criam os filhos sozinhas, a expressão mãe solo tem se popularizado na sociedade atual como uma tentativa de desconstruir a definição pejorativa e relacionada ao estado civil. Por muito tempo, o termo foi tratado sob a visão do controle social nas sociedades patriarcais, na qual a maternidade se apresenta como elemento de subjugação da mulher em relação ao homem. Mudar a forma de se referir a essas mulheres visa, desta maneira, eliminar o preconceito com as genitoras que não têm qualquer relação com o pai de seus filhos, ou com mães que se separam, ou mães que optaram por serem mães sem necessariamente estar em uma relação conjugal. (SILVA; CASSIANO; CORDEIRO, 2019, p. 2).

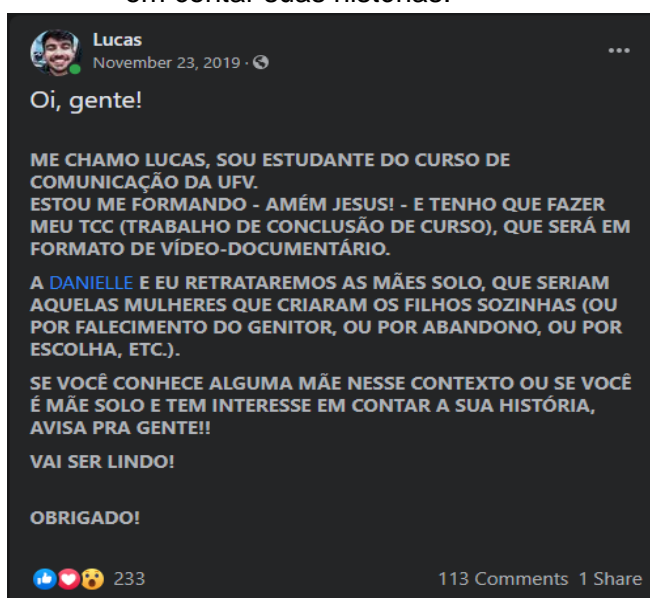
Este TCC, em formato revista, foi realizado após contatos efetuados com as fontes, que são mães solo, para coleta de informações pertinentes e complementares durante todo o processo de elaboração do projeto.

3 METODOLOGIA

O curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Viçosa possui dois métodos para a obtenção do título de Comunicador Social com ênfase em Jornalismo: apresentação de uma monografia (individual) ou a elaboração de um projeto prático acrescido de um artigo ou memorial (individual ou em dupla). Optamos, após discussão, produzir este memorial e uma revista, colocando em prática o aprendizado dos anos de graduação e que nos identificamos mais. Iniciamos o planejamento no fim de 2019, mas alterações no formato do projeto, que antes seria em videodocumentário, e no tempo esperado foram necessárias devido ao período pandêmico, contudo, a ideia de colocar em pauta a vivência e sobrevivência das mulheres brasileiras mães solo continua sendo o principal foco.

Para a construção do *corpus* da pesquisa, anunciamos em redes sociais (grupos de *Facebook* e perfil pessoal do *Instagram*) a busca de mulheres interessadas em contar suas histórias via entrevista e que se encaixassem nos requisitos que buscávamos: mulher cisgênero, com filho(s), chefe da família, que tenha passado a maternidade sozinha, sem a presença do genitor e, preferencialmente, residente em Viçosa-MG ou Juiz de Fora-MG, cidades do autor e da autora. Publicamos em grupos do *Facebook* de Viçosa, como o “UFV”, com mais de 69 mil integrantes, e em páginas de Juiz de Fora, como a “JF da Depressão”, com mais de 306 mil pessoas. Usamos, na publicação, uma linguagem informal, a fim de alcançar as pessoas em suas diversas escolaridades e, ao usar um tom descontraído, buscamos mais fluidez e interesse no conteúdo.

Figura 1- Texto publicado no Facebook e Instagram em busca de mães solo interessadas em contar suas histórias.



Fonte: Rede social Facebook. Disponível em:
<https://www.facebook.com/groups/universidadefederaldevicosa/permalink/3305453459529630/>.
Acesso em: 18 abr. 2021.

A publicação contou com 113 comentários, entre indicações e interesses. Diante disso, enviamos uma mensagem privada às mães que demonstraram disposição pedindo um breve relato para, então, selecionarmos. Das mães selecionadas, algumas desistiram por medo do genitor, por indisponibilidade de horários, por timidez, etc. Foram entrevistadas 5 mulheres, cisgênero, mães de 1 ou mais filhos, que tenha passado pela maternidade sem a presença do genitor – por quaisquer motivos – e que seja chefe e provedora do sustento próprio e/ou da(s)

criança(s). Em função da pandemia do Coronavírus e seguindo recomendações do colegiado do Departamento de Comunicação Social (DCM) e da Organização Mundial de Saúde (OMS), optamos por fazer as entrevistas no formato virtual, via aplicativos de mensagem instantânea (escrito ou em áudio). Por motivos diversos, algumas partes das entrevistas não compuseram o relato final, pois o foco, aqui, são as mães que enfrentaram o desafio de ter filho(s) sozinhas no início da maternidade, não importando se elas começaram relacionamento com outrem após o nascimento da(s) criança(s).

As mulheres mães solo que se dispuseram a participar do projeto e contar suas histórias foram: Lucimar Teixeira Lopes Gomes (Viçosa/MG), Patrícia dos Anjos de Assis Martins (Viçosa/MG), Paula Raysla Costa Pimenta (Viçosa/MG), Rosilene Erica Ferreira (Viçosa/MG) e Valquíria Gomes Patricio (Juiz de Fora/MG). Todas elas compreenderam o objetivo do trabalho, concordaram e firmaram conhecimento do uso das fotografias e nomes reais.

Iniciando a entrevista, pedimos um breve resumo da vida das mães antes da notícia da gravidez, onde e com quem moravam e o que faziam. Logo após, começamos a indagá-las das dificuldades que elas enfrentaram ao se tornar uma mãe solo. As mães responderam nossas perguntas em seu tempo livre, como entre o horário de trabalho e cuidados dos filhos e da casa, por áudio ou por texto e de acordo com a sua desenvoltura para escrever ou falar. Isso fez com que as entrevistas durassem vários dias e que precisássemos pedir, às vezes, para que aprofundassem mais em algumas questões.

A partir das entrevistas, nós construímos os relatos em texto corrido e estilo narrativo em primeira pessoa, simulando uma escrita de diário, como o formato da revista sugere. O tamanho do texto não foi o foco, mas, sim, os pontos que elas citam. Os títulos foram selecionados de acordo com a fala que consideramos mais marcante da narração.

Para a análise qualitativa, adotamos a técnica de Análise Temática do Conteúdo, proposta por Maria Cecília de Souza Minayo. Essa abordagem analítica

[...] consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objetivo analítico visado... a análise temática se encaminha, qualitativamente, para a verificação da presença de determinados temas denotando os valores de referência e os modelos de comportamento presentes no discurso. (MINAYO, 1999, p. 209).

A leitura do corpus de análise apontou para 3 potenciais categorias analíticas: (i) representação da maternidade; (ii) desafios de uma maternidade solo; e (iii) contrastes de um período pandêmico.

A divulgação dos dados para a sociedade dar-se-á por meio da produção, divulgação e distribuição gratuita de uma revista digital intitulada “OHMÃE!”, fazendo referência ao vocativo comumente utilizado pelos filhos chamando pela genitora. O subtítulo, “Relatos SobreVivência”, faz um jogo de palavras indicando que a revista, além de relatar a vivência das mulheres brasileiras mães solo, também retratará a sobrevivência delas junto às suas dificuldades.

O meio comunicativo escolhido, a revista, chegou ao Brasil

[...] juntamente com a corte portuguesa, no início do século XIX. A autorização para imprimir em território nacional veio com a autorização para a instalação da imprensa régia, em 1908, determinada por D. João VI. No entanto, a primeira revista de que se tem conhecimento, *As Variedades ou Ensaios de Literatura*, surgiu em Salvador no ano de 1812, seguindo os modelos de revistas utilizados no mundo editorial da época [...]. (BAPTISTA; ABREU, 2010, p. 2).

As revistas, ou magazines, apresentam como característica a confecção em partes ou fascículos, numerados progressiva ou cronologicamente, reunidos sob um título comum, formados por contribuições na forma de escritos assinados, com um plano definido que indica a necessidade de um planejamento prévio (CHITTO, 1998, p. 2). Assim como todo trabalho jornalístico, elas possuem um público específico e se destacam pelo visual mais rebuscado do que um jornal, segmento temático e periodicidade não definida, o que permite à revista ter mais liberdade de produção e criação de conteúdo para aproximar o leitor, sem precisar fidelizá-lo apenas por trazer notícias urgentes (NATANSOHN *et al.*, 2010, p. 1).

E, se tratando de revistas on-line, ou *webrevistas*,

[...] diversas tecnologias são utilizadas para a colocação online [...]. Além de sites em html, formatos tais como PDF e softwares como o Flash estão em permanente renovação para permitir a disponibilização de revistas mais interativas e multimidiáticas [...]. (NATANSOHN *et al.*, 2010, p. 2).

O formato PDF (*Portable Document Format*), de acordo com Natansohn *et al* (2010), é um software desenvolvido pela *Adobe Systems*, e possui a finalidade de

gravar o arquivo como ele foi criado, ou seja, qualquer pessoa, em qualquer lugar do mundo, em qualquer sistema operacional, verá o mesmo documento de quem o criou, com a mesma tipografia de fonte, cores e imagens, sem nenhuma deformação. Porém, é necessário ter um programa leitor desse tipo de arquivo instalado no computador, algo que ocupa uma memória de cerca de 20MBs, segundo os autores. Esse formato permite a utilização de hiperligações no texto, transformando-o em uma tessitura formada por um conjunto de blocos informativos ligados por meio de hiperligações, os links, mesmo que não seja muito utilizado, já que faz com que o leitor saia do arquivo para buscar informação em outros lugares na internet, a não ser que seja linkado a outras matérias de dentro da revista (CANAVILHAS, 2014, p. 4).

A tecnologia chamada *flip page*, foi criada para simular o folheio de revista:

Este recurso é possível por meio do uso da tecnologia Flash. Alguns dos compartilhadores de revistas online (Issuu, por exemplo) utiliza um tipo de tecnologia que converte automaticamente o arquivo PDF enviado para um arquivo em Flash com essa tecnologia. (NATANSOHN *et al.*, 2010, p. 6).

Para a diagramação da revista, utilizamos o *software* de design de *layout* e editoração eletrônica *InDesign*, da companhia Adobe. Pelo conteúdo ser de cunho pessoal e auto narrativo, optamos por fazer as artes semelhantes a um diário, em que as mães, hipoteticamente, estariam escrevendo, à mão, suas histórias. A capa conta com uma arte simulando uma fechadura, que traz folhas amassadas ao fundo dos textos, dando ideia de um objeto antigo e gasto. As cores escolhidas fazem parte de uma paleta rosa, de tons claros, assemelhando às cores dos diários vendidos nas papelarias. O miolo conta com a formatação: corpo editorial, onde são apresentadas as informações técnicas da revista; sumário, contendo a numeração de página referente a cada conteúdo da revista; carta ao leitor, destinada às mães entrevistadas e àquelas que nos leem; narrativas, conteúdo gerado por meio das entrevistas com as mães; e epígrafe, poema escrito por uma mãe solo participante do projeto.

4. ANÁLISES E REFLEXÕES

4.1 Representação da Maternidade

A partir das entrevistas e dos relatos construídos juntamente às mães, semelhanças no discurso da naturalização e encargo da maternidade apenas à mulher podem ser notadas. Este tipo de discurso pode ser entendido como um processo cultural que estabelece identidades, assim como símbolos, haja vista o meio patriarcal em que se inserem, como embasa Paula Barbosa de Oliveira (2007).

Neste contexto sócio-histórico, marcado fortemente pelo discurso patriarcal, fazia-se presente a ideia de que a mulher deveria dedicar-se às tarefas do lar e aos cuidados com o marido e os filhos. As mulheres casadas eram vistas com mais respeito e prestígio pela sociedade em geral. Sua atuação restringia-se ao ambiente doméstico e à maternidade, fazendo da mulher a principal responsável pela construção de um ambiente familiar harmônico e acolhedor.” (OLIVEIRA, 2007, p. 12)

Essa incumbência de atividades ligadas à figura materna, sem remuneração e, de certa forma, obrigatória, já que não há quem faça por elas ou divida as funções, reflete no senso comum intrínseco de que a realização das tarefas da casa seja de responsabilidade da mulher e que elas têm o dever de exercer essas atividades, teoricamente, por compaixão aos integrantes da família.

Por vezes mais novas e menos escolarizadas, a pressão social para que a mulher se case, tenha filhos e que seja incumbida dos cuidados das crianças e da casa, definindo como segundo plano as metas e vontades pessoais, obriga-as a abandonar as suas formações e/ou famílias para trabalhar, já que, por vários motivos, elas não compartilham as demandas de ter uma criança com outra pessoa e viram detentoras de todos os encargos que acompanham o nascimento.

Larguei a faculdade e decidi cuidar dele, pois meu filho não comia, estava com muita febre e eu passava muito tempo em hospital sozinha com ele. (Paula Pimenta)

Fiquei quase 2 anos de casa para o trabalho, achava que não tinha direito de sair, porque minha obrigação era cuidar do Otávio [...]. (Patrícia dos Anjos)

Para além disso, a romantização da gravidez e da maternidade encontra-se presente quando elas relatam uma utopia sobre o imaginário de ser mulher e ter filhos, criando expectativas de ser uma boa mãe e se mantendo em dúvidas se conseguirão prover o sustento com todas as dificuldades que surgirem e desacreditadas de um futuro melhor.

Eu não imaginava como seria ser mãe. Eu queria ser a melhor mãe do mundo. (Valquíria Patrício)

Comecei minha luta, bicos e bicos. Tinha que deixar minha filha com alguns conhecidos pra poder ir trabalhar. (Lucimar Teixeira)

As mulheres tornaram-se mãe solo a partir do momento em que decidiram ou foram impostas a ser as únicas protagonistas da criação e sustento da criança. Com isso, os relatos trazem reflexões acerca dos desafios que uma mulher ainda precisa enfrentar para conseguir, ao menos, suprir o mínimo das necessidades próprias e dos filhos, deixando de lado suas escolhas e lazeres da vida.

4.2 Desafios de uma maternidade solo

As mães solo, mesmo tendo escolaridade baixa, pouca ou nenhuma formação ou experiência profissional e sem ter um sustento próprio, decidiram dar continuidade à gravidez, com a ciência de que precisariam, por vezes, abrir mão das expectativas educacionais e/ou trabalhistas para se dedicar à casa e ao novo filho, abrindo lacunas para inquietações.

O medo, a insegurança e incerteza do futuro fizeram com que elas deixassem os filhos mais tempo com outras pessoas para que pudessem buscar meios de oferecer uma condição digna de sobrevivência para elas e os filhos. Em alguns casos, isso também ocorreu, pois o genitor não prestava apoio à criança por meio de pensão alimentícia, direito previsto nos Artigos 1694 e 1710 do Código Civil, Lei nº 10.406 de janeiro de 2002, que, apesar do nome, não cobre apenas a alimentação. Segundo informações publicadas no site do Ministério Público do Paraná, essa pensão é o valor pago para suprir as necessidades básicas de sobrevivência e manutenção, ou seja, “apesar da palavra ‘alimentos’, o valor não se limita apenas aos recursos necessários à alimentação propriamente dita, devendo abranger, também, os custos com moradia, vestuário, educação e saúde, entre outros”⁵. Esse benefício é calculado de acordo com as possibilidades financeiras daquele que possui a obrigação de pagar e a necessidade de quem receberá. Normalmente, esse valor equivale a 25% do salário. Entretanto, só se torna obrigação, cabível de punição cível, quando se abre um processo judicial.

⁵ Informações extraídas do site do Ministério Público do Paraná. Disponível em: <https://mppr.mp.br/pagina-6662.html>. Acesso em: 18 abr. 2021.

Uma das mães possui pagamento de Pensão por Morte, prevista no artigo 74 da Lei nº 8.213/91, benefício previdenciário pago aos dependentes do segurado falecido, seja homem ou mulher, aposentado ou não. Outras, procuram formas próprias e alternativas para o sustento.

Consegui receber a pensão de um salário-mínimo do meu marido. Eu tinha um seguro do trabalho que cobriu as despesas com o funeral e traslado e o restante utilizei para tirar minha habilitação. (Patrícia dos Anjos)

O mercado de trabalho é hostil quando se trata de oportunidades para a figura feminina, o que se intensifica ainda mais quando elas se encaixam em mais de uma categoria, como: mulher, mãe solo, com baixa escolaridade, com pouca ou nenhuma experiência etc., dificultando bastante a busca pelo sustento da casa e dos filhos.

Quando terminamos a mudança e todo mundo foi embora, a ficha caiu: éramos nós dois. Eu o esperava dormir pra chorar, falava pra ele que ia ficar tudo bem, mas por dentro era um milhão de dúvidas. [...] Eu, Otávio e as contas fervendo na cabeça [...]. Eu trabalhava de 8 às 18 horas [...] (Patrícia dos Anjos)

Eu cuidava da nossa filha sozinha, tinha que levar ela pra lavoura, depois comecei a trabalhar cuidando de um senhor bem idoso, tudo isso pra colocar comida dentro de casa. (Rosilene Ferreira)

Eu saía às três da manhã pra poder trabalhar em 3 empregos pra ganhar menos que um salário-mínimo. Tinha que pagar aluguel e uma menina pra olhar as crianças. (Valquíria Patricio)

Muitas das vezes eu precisava de dinheiro e isso fazia com que eu deixasse a faculdade por um emprego para ter uma renda para cuidar do meu filho. Iniciei uma nova graduação no ano passado e eu tento, sem saber até onde eu vou conseguir ir, pois sem um emprego e sem renda é muito difícil. (Paula Pimenta)

Equilibrar a necessidade de buscar sustento, a atenção aos filhos e aos cuidados com a casa é uma dificuldade apresentada pelas mães, que torna a apreensão pela falta de tempo ainda maior. A rotina torna-se árdua quando é necessário se desdobrar para conseguir cumprir plenamente – ou, pelo menos, satisfatoriamente -, as atividades imprescindíveis. Isso torna-se uma sobrecarga, já que é preciso um cuidado exaustivo de limpeza da casa, roupas, comida, que, com crianças novas, precisa ser mais frequente que o habitual.

Eu fiquei pensando em como eu iria cuidar da minha filha sozinha, como eu iria trabalhar, como ela iria para escola, como alimentar, dar o que vestir, material escolar, foi tudo muito desafiador. (Lucimar Teixeira)

A época mais difícil era no frio, porque nós não tínhamos uma máquina de lavar roupa. Eu ficava o final de semana inteiro lavando roupa. (Valquíria Patricio)

4.3 Contrastes de um período pandêmico

Com as entrevistas e relatos apresentados, pode-se identificar que o contexto pandêmico não trouxe apenas dificuldades no confinamento das mães solo com seus filhos por questões de segurança em saúde. Cronificou as dificuldades escolares das crianças, que passaram a ter aulas remotas – e a mãe se desdobrando ainda mais pra auxiliar nos deveres. Além disso, tiveram um colapso na economia, já que muitas delas não possuem uma rede de apoio para deixar os filhos para ir trabalhar e, conseqüentemente, a renda familiar diminui, já que é necessário pagar alguém para cuidar das crianças. Outro problema encontrado foi a multiplicação dos cuidados com a casa, uma vez que, além de ter que limpar e cozinhar, precisa fazê-lo com frequência e repetidas vezes ao dia.

Agora com esse cenário que nos encontramos, essa pandemia, eu estou em *home office* desde março de 2020, e as aulas dele também. No início me cobrei demais, achava que não estava conseguindo ser mãe e pedagoga, entregar os mesmos resultados no trabalho. (Patrícia dos Anjos)

Porém, tudo pirou com o início da pandemia. Na área escolar do meu filho tem muitas atividades, ele está na fase de alfabetização, eu quem tenho que ensinar tudo e ainda dar as atividades. Além disso ainda tinha as minhas aulas online que nem sempre conseguia conciliar meus estudos com o dele, já que, no dele eu tinha que ensinar o assunto, porque o Governo só disponibiliza as atividades. (Paula Pimenta)

Depois de vivermos muita coisa, agora temos que lidar com essa pandemia. Minha mãe acamada precisa de cuidados 24 horas por dia, minha filha vive de alguns bicos [...]. (Lucimar Teixeira)

Em tentativa de minimizar os impactos econômicos da população mais vulnerável durante a pandemia da COVID-19, o Governo Federal, sob determinação do Congresso Nacional, lançou uma medida administrativa, o Auxílio Emergencial (previsto da Lei nº 13.982, de 2020). Conforme notícia mais recente do site do

Governo⁶, houve um investimento de 258 bilhões de reais no programa, beneficiando 67,8 milhões de cidadãos, desempregados ou autônomos. O valor do auxílio foi de R\$600 (seiscentos reais), durante 5 meses, com 2 extensões. Uma de 4 meses a R\$300 (trezentos reais) e outra de 4 meses entre R\$150 (cento e cinquenta) e R\$250 (duzentos e cinquenta). Para mães solo, os valores pagos foram: 5 primeiras parcelas de R\$1200 (mil e duzentos reais); primeira extensão, 4 parcelas de R\$600 (seiscentos reais); e segunda extensão, R\$375 (trezentos e setenta e cinco reais). Mesmo sendo um valor baixo para sustento mínimo de uma família, a renda foi destinada para as necessidades básicas, que aumentaram, já que elas não poderiam sair para trabalhar enquanto as restrições estivessem mantidas e as escolas não programavam um novo método de ensino. Todos estavam, simultaneamente e a todo tempo, dentro de casa.

O livro *Maternidades Plurais: os diferentes relatos, aventuras e oceanos das mães cientistas na pandemia* (SOARES; CIDADE; CARDOSO, 2020) apresenta narrativas de 140 mães, em todas as suas vertentes, que enfrentaram esse período pandêmico de diversas formas diferentes. A maioria delas optou ou não teve escolha em ter que ficar em casa com seus filhos, acumulando o trabalho doméstico com a criação e educação das crianças e estudos ou trabalho, fazendo com que a carga de atividades seja maior e dificulte o andamento da produção ou a realização satisfatória delas. Muitas não puderam contar com a ajuda de outrem por questões de segurança sanitária.

As mães solo também aparecem nas narrativas reafirmando e não-romantizando as análises e discussões sobre a mulher, pesquisadora, mãe e dona de casa que cuida dos filhos sem a presença de outrem, e que enfrenta dificuldades diárias, desdobrando-se para realizar todas as funções. Assim como podemos notar nas mães entrevistadas neste trabalho. No livro, a mãe solo Mádhava Hari pontua:

[...] o quanto a sobrecarga [...] fica sempre sob a responsabilidade da mulher, mesmo muitas delas tendo companheiros. Sempre reclamavam que “não descansava”, principalmente as que crianças pequenas, na primeira infância. Que os pais saíam, estavam tendo vida normal, mas que elas estavam cansadas, com muito trabalho e confinadas, longe da rede de apoio, que deveriam ser os

⁶ Notícia do dia 20/11/2020 e atualizada no dia 12/01/2021. Disponível em: <https://www.gov.br/cidadania/pt-br/noticias-e-conteudos/desenvolvimento-social/noticias-desenvolvimento-social/governo-federal-encerra-ciclo-4-de-pagamentos-do-auxilio-emergencial>. Acesso em: 18 abr. 2021.

companheiros, mas na real, eles não assumiam este papel. Eu pensava que então não estava muito diferente de mim, o que me fazia crer que existem muitas mães solo, mesmo com seus companheiros dentro de casa. “Ausências presentes” e “Presenças ausentes”! (SOARES; CIDADE; CARDOSO, 2020, p. 555).

5 CONCLUSÃO

A representatividade feminina ainda é muito pouco expressiva em vários âmbitos, e isso é fruto de um machismo enraizado que continua sendo passado, mesmo que inconscientemente, de geração em geração. A desconstrução da figura da mulher submissa e dona de casa está, a passos lentos, sendo disseminada pela informação e pela representatividade que elas assumem, de pouco a pouco, nas várias áreas dos mais diversos temas e assuntos. Cabe-nos contribuir, nos reeducar e nos informar sobre as possíveis ações errôneas que possamos cometer. Um exemplo camuflado desse problema é presentear uma mulher com eletrodomésticos, intencionando ajudá-la na limpeza ou na preparação dos alimentos. Dispositivos, objetos ou artigos residenciais são de uso coletivo de quem mora na casa, não sendo – ou, pelo menos, não deveria ser – algo destinado à satisfação da mulher e incumbência, apenas dela, a sua utilização.

Para o objeto analítico deste trabalho caberia outros estudos em diversas áreas, como a eficácia dos métodos anticoncepcionais; a educação sexual das jovens e como a falta dessa orientação afeta a maternidade e os índices de infecções sexualmente transmissíveis no Brasil; o porquê de as mulheres evadirem os estudos precocemente; quais as alternativas poderiam ser adotadas para inibir a desigualdade trabalhista que, mesmo depois de décadas, ainda persiste, haja vista que a figura feminina ainda é de menor representatividade comercial e salarial que a masculina; e o porquê de escolher ou se tornar uma mãe solo tão jovem e com tantas dificuldades está cada vez mais comum no país. Uma das questões ainda não respondidas e que precisa ter mais espaço e abrangência de estudos para consideração é que, somando todas as questões problemáticas anteriores, as mais afetadas são mulheres negras e pobres.

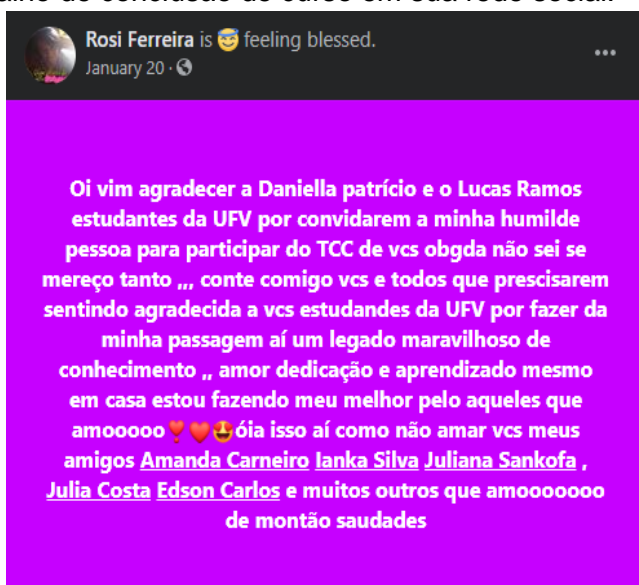
O investimento em educação escolar, em políticas públicas de saúde, educação sexual e cursos técnicos e profissionalizantes voltados ao público feminino seriam de suma importância para diminuir as precariedades da figura da mãe solo,

que se vê, a cada dia, enfrentando problemas maiores com suas crianças e soluções menos acessíveis. A informação sempre será uma grande aliada para combater e solucionar os desentendimentos e fragilidades impostas pelos obstáculos da vida.

Dos cinco momentos de vidas relatados, questões semelhantes ecoaram: a dificuldade para inserção no mercado de trabalho por várias questões, como serem mulheres, novas, sem muita escolaridade ou qualificação, ou por ser mãe - que é algo que pesa no mercado; a jornada dupla – às vezes, tripla – de trabalho, cuidados com a casa e as crianças, fazendo-as exaustas; a necessidade de deixar o filho sob a educação de outra pessoa, seja da família ou não, para poder conseguir buscar meios de prover uma vida digna; e a insegurança e o medo que todas enfrentaram durante o percurso dos acontecimentos, mas que, entre perdas e ganhos, venceram e se sentem orgulhosas por isso.

Finalizamos a elaboração do TCC, constatando que, uma vez convidadas, as mulheres se sentiram felizes e responsivas ao protagonismo que lhes foi dado. Dentro de suas possibilidades, desenvolvuras e inibições, elas contribuíram, cada um ao seu modo, para a realização das entrevistas e construção dos relatos, encarando as narrativas como mais que apenas uma entrevista para coleta de informações. Elas sentiram-se gratas e orgulhosas por poderem desabafar e vangloriar suas vitórias da vida.

Figura 2 - Rosilene Ferreira, mãe solo entrevistada, agradece o convite para participar deste trabalho de conclusão de curso em sua rede social.



Fonte: Rede social Facebook. Disponível em:
<https://www.facebook.com/rosileneerica.ferreira/posts/1710652185762271>.
Acesso em 18 abr. 2021.

Com o trabalho, nós pudemos perceber a necessidade de reforçar a quebra dos conceitos enraizados que apontam a um estereótipo de que a mulher é apenas uma figura doméstica e educadora. Entre desafios e vitórias, elas se forçam, recriam e se desenvolvem para cumprir, com êxito, todas as tarefas que lhes são dadas como difíceis. Outras perspectivas de pesquisa podem – e devem, futuramente – ser feitos para dar novos nortes e levar mais informações e desmistificação do papel da mulher em seus vários âmbitos, modificando e ampliando, assim, a visão de mundo de toda a sociedade.

REFERÊNCIAS

- ÁLVARES, Luciana de Castro. **Famílias monoparentais femininas: um olhar sobre este arranjo familiar na cidade de Uberaba – MG**. Orientador: Pe. Mário José Filho. 152f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Estadual Paulista – UNESP, Franca, SP, 2003. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/98552/alvares_lc_me_fran.pdf?squence=1. Acesso em 18 abr. 2021.
- ARTEIRO, Isabela Lemos. **A Mulher e a Maternidade: um exercício de reinvenção**. Orientadora: Maria Consuelo Passos. 264f. 2017. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE, 2017. Disponível em: http://tede2.unicap.br:8080/bitstream/tede/973/5/isabela_lemos_arteiro_ribeiro_lins.pdf. Acesso em: 18 abr. 2021.
- BADINTER, Elisabeth. **XY: sobre a identidade masculina**. Tradução: Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BAPTISTA, Íria Catarina Queiróz; ABREU, Karen Cristina Kraemer. A História das Revistas no Brasil. **BOCC - Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**. p. 01-27, 2010. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/baptista-iria-abreu-karen-a-historia-das-revistas-no-brasil.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2021.
- CANAVILHAS, João. (Org.). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Sem local: Livros LABCOM Books, 2014. Disponível em: http://www.labcom.ubi.pt/ficheiros/20141204-201404_webjornalismo_jcanavilhas.pdf. Acesso em: 18 abr. 2021.
- CARVALHO, Nathalia Lionel; OLIVEIRA, Vitor Hugo. Mito do amor materno: a construção subjetiva do feminino na decisão pela não maternidade. **Psicologia – Saberes & Práticas**, Maceió/AL, n. 1, v. 1, p. 46-53, 2017. Disponível em: <https://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/psicologiasaberes&praticas/sumario/60/12122017145128.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2021.
- CAVENAGHI, Suzano; ALVES, José Eustáquio Diniz. **Mulheres chefes de família no Brasil: avanços e desafios**. Rio de Janeiro: ENS-CPES, 2018. Disponível em: https://www.ens.edu.br/arquivos/mulheres-chefes-de-familia-no-brasil-estudo-sobre-seguro-edicao-32_1.pdf. Acesso em: 18 abr. 2018.
- CHITTO, Ida Regina. Reflexões sobre as revistas brasileiras. **Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 3, p. 1-10, janeiro/junho 1998. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/intexto/article/view/3369/3953>. Acesso em: 18 abr. 2021.
- FONSECA, Ana Lúcia Barreto da Fonseca; ARAÚJO, Neuraci Gonçalves de Araújo. Maternidade precoce: uma das consequências do abandono escolar e do desemprego. **Rev. Bras. Cres. e Desenv. Hum.**, São Paulo/SP, v. 14, n. 5, p. 21-27, 2004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/jhgd/article/view/40001/42866>. Acesso em: 18 abr. 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo-Rio de Janeiro: HUCITEC-ABRASCO, 1999.

NATANSOHN, Leonor Graciela *et al.* Revistas online: do papel às telinhas. **Lumina**, Juiz de Fora, MG, v. 4, n. 1, junho, p. 1-14, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/20936/11310>. Acesso em: 18 abr. 2021.

OLIVEIRA, Paula Barbosa de. **A mulher atual e a representação da maternidade.** Orientadora: Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE, 2007. Disponível em: <http://tede2.unicap.br:8080/bitstream/tede/241/1/Paula%20Barbosa%20de%20Oliveira.PDF>. Acesso em: 18 abr. 2021.

ROMANI, Patrícia Fasolo. A Maternidade como legitimação de identidade e poder. In: STREY, Marlene Neves; VERZA, Fabiana; ROMANI, Patrícia Fasolo. (Org.). **Gênero, Cultura e Família:** perspectivas multidisciplinares. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015, v. 10, p. 107-117.

SILVA, Caroline Guimarães; CASSIANO, Kátia Kelvis; CORDEIRO, Douglas Farias. Mãe solo, feminismo e Instagram: análise descritiva utilizando mineração de dados. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, 21, 2019. **Anais.** Goiânia, 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/centrooeste2019/resumos/R66-0561-1.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2021.

SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho; CIDADE, Camilla de Almeida Santos; CARDOSO, Vanessa Clemente. (Org.). **Maternidades plurais:** os diferentes relatos, aventuras e oceanos das mães cientistas na pandemia. Belford Roxo/RJ: Bindi, 2020. Disponível em: <https://www.editorabindi.com.br/maternidades-plurais>. Acesso em: 18 abr. 2021.

WAGNER, Adriana *et al.* **Desafios psicossociais da família contemporânea:** pesquisa e reflexões. Porto Alegre: Artmed, 2011.